

ANA TEASCA

O Sarau do Escritório: Arte e Resistência na Cidade Espetáculo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado do curso de Especialização em Planejamento e Uso do Solo Urbano do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Cecília Campello do Amaral Mello

Rio de Janeiro

2017

O Sarau do Escritório - Arte e Resistência na Cidade Espetáculo

Numa quinta-feira à noite nos encontramos no coração da Lapa, na famosa encruzilhada entre as avenidas Mem de Sá e Gomes Freire, também conhecida como a esquina do Bar da Cachaça. Estamos aqui para curtir o Sarau do Escritório que acontece uma vez ao mês na calçada desse botequim.

Pouca gente sabe que aquela encruzilhada é uma praça formada por suas quatro esquinas, chamada Praça João Pessoa. Antigamente tinha até bancos de concreto, desenhando uma meia lua que compunha perfeitamente o espaço para o sarau. O cenário é simples, mas, muito chamativo. Tem uma corrente de luzes coloridas que ilumina a exposição de fotos pendurada num barbante entre os postes da Light. De um lado há pequenos estandes vendendo fanzines, cadernos artesanais, buttons e blusas. Não falta isopor com cerveja gelada e o cheiro do churrasquinho chamando do outro lado da rua. No meio da praça, os microfones brilhando na noite da Lapa, esperando por suas estrelas.

Alex Teixeira e Luiz Fernando Pinto, fundadores do Sarau e MCs da noite, explicam para o público que todo mundo pode se apresentar, basta colocar o nome na lista. E assim vai: Poetas apresentam seus poemas, seus textos, suas manifestações políticas. A galera do hip hop rima incansavelmente. Alguns colam os textos do celular, outros aparecem com anotações em papel.

Muitos vêm de longe, de Madureira, Santa Cruz, São João de Meriti, São Gonçalo, Nova Iguaçu. De trem, de ônibus, passagem cara, com horário para voltar e medo do trânsito. Os textos tratam disso. Outros vêm de perto, assim como a gente.

Uma banda, composta por meninos de Laranjeira ou Botafogo, toca música instrumental, algo muito bom. O público dança. Depois vem Elen de Bangu, com palavras poderosas sobre ser mulher, negra e trabalhadora. O senhor de Antares se descobriu poeta aos 50 anos e faz uma performance linda, emocionante. Logo ele vai embora para não perder o trem. Chega a hora do homenageado, que já fora anunciado pelos cartazes enfeitando a Lapa.

Descobrimos que muita gente faz parte de outros saraus e coletivos da cidade como o Sarau Divergente que acontece em frente à Ocupação Manuel Congo (Cinelândia), Sarau

Poesia da Esquina (Cidade de Deus), Mulheres da Pedra (Pedra de Guaratiba)¹. Estamos impressionados com a vontade das pessoas de estarem ali, na rua, na Lapa fazendo arte e política.

O Sarau do Escritório nasceu em 2013, após as manifestações de Junho, que tomaram conta das ruas do Centro do Rio de Janeiro. Seus fundadores são jovens atores e produtores culturais que decidiram experimentar uma nova forma de pensar e fazer arte inspirados pelas manifestações.

Enquanto encontra-se uma vasta produção textual sobre o Funk e o movimento Hip Hop carioca (Adriana Facina 2014, Adriana Carvalho Lopes 2010, Micael Herschmann 2000, Hermano Vianna 1997) a cena dos saraus ganha pouca atenção dos cientistas sociais. Apesar da tese de mestrado de Silvana Bahia (2016) é curioso notar que a iniciativa de sistematizar conhecimento sobre essa cena partiu dos próprios integrantes. Em 2015 foi lançado o mapeamento realizado por Luiz Fernando e Alex Teixeira, identificando 133 saraus na região metropolitana do Rio de Janeiro.² Curiosamente essa pesquisa não se desempenhou no âmbito acadêmico, mas, por vontade dos autores que deram visibilidade a uma grande rede de saraus.

Há muito tempo venho acompanhando a cena de saraus no Rio de Janeiro. Meu primeiro contato com esse formato de expressão estética foi na Festa Literária das Periferias (FLUPP) realizada no Morro dos Prazeres em 2012. A partir dessa experiência abriu-se um mundo de poesia, literatura, palavra e performances. Entre dezembro de 2016 e fevereiro de 2017 realizei uma pesquisa de campo na cena dos saraus cariocas. Circulei pela cidade, de Campo Grande ao Meier passando pela Lapa, participando do Sarau Divergente, Sarau do Escritório, Sarau dos Ratos Di Versos e Sarau da Lanternagem.

As questões a serem exploradas neste artigo de desdobram sobre a relação da cena dos saraus, especificamente do Sarau do Escritório, com a produção de cidade.

- O que move esses jovens a circular pela cidade e produzir um sarau?

- Quais são os processos coletivos (agenciamentos) que criam subjetividades?

¹ Veja também o texto sobre a cena de saraus na coluna de Marcus Faustini no O Globo: <http://oglobo.globo.com/cultura/mais-de-cem-saraus-no-rio-15797917>

² <http://mufaproducoes.com/mapeamento-de-saraus-rj/>

“O Mapeamento de Saraus da Região Metropolitana do Rio de Janeiro é uma pesquisa de diagnóstico desenvolvida pela Mufa Produções, por intermédio do Sarau do Escritório, que visa dimensionar, quantificar, e estreitar os laços entre as ações de diversos saraus da metrópole do Rio de Janeiro. Com o Mapeamento, foram gerados: um banco de dados com informações dos saraus existentes, um mapa com a localização dos saraus e alguns infográficos com análises sobre as produções desse movimento”.

- Qual é a dimensão política desses processos e por que podemos entendê-los como resistência a modelos de cidade hegemônicos (cidade mercado, cidade espetáculo)?

Gostaria em primeiro lugar de investigar os processos coletivos de construção da subjetividade amplamente discutida por Félix Guattari e Suely Rolnik na obra “Microplolítica. Cartografias do Desejo”. Os textos são resultado da viagem de Guattari e Rolnik pelo Brasil em 1982 visitando diversos grupos da sociedade como movimentos sociais, movimentos sem terra, acadêmicos e estudantes afirmando naquele momento subjetividades dissidentes. Se esse passeio fosse hoje, acredito que Guattari e Rolnik dialogassem com a cena dos saraus.

Além disso, me parece interessante dialogar entre o pensamento *situacionista*³ sobre a cidade e as experiências do Sarau do Escritório. O posicionamento situacionista contra os modelos de cidade espetáculo e cidade mercado não perderam sua atualidade no cenário vigente do Rio de Janeiro dos Megaeventos. Entendemos suas propostas a favor da construção coletiva do espaço urbano através da participação ativa de seus habitantes, como um convite a reflexão e ação, não como outro modelo de cidade. No Brasil os textos situacionistas foram redescobertos por Paola Berenstein que os organizou em uma coletânea chamada: “Apologia da Deriva. Escritos situacionistas sobre a cidade” (2003).

A cena do sarau fluminense e os situacionistas têm muito em comum. Ambos os movimentos partem do princípio da observação do cotidiano e da experiência na cidade, refletem sobre formas de apropriar o espaço público, de usá-lo e transformá-lo. Os dois movimentos enxergam a cidade como campo de intervenção artística, como campo de crítica. Não é por acaso que a maioria dos saraus acontece em praças públicas, em bares e palcos não convencionais. A minha proposta nesse contexto é explorar a ideia de *criar situações* no cenário contemporâneo, utilizando o Sarau do Escritório como exemplo empírico.

Circulando na Cidade - O que move os jovens a circular pela cidade e criar saraus

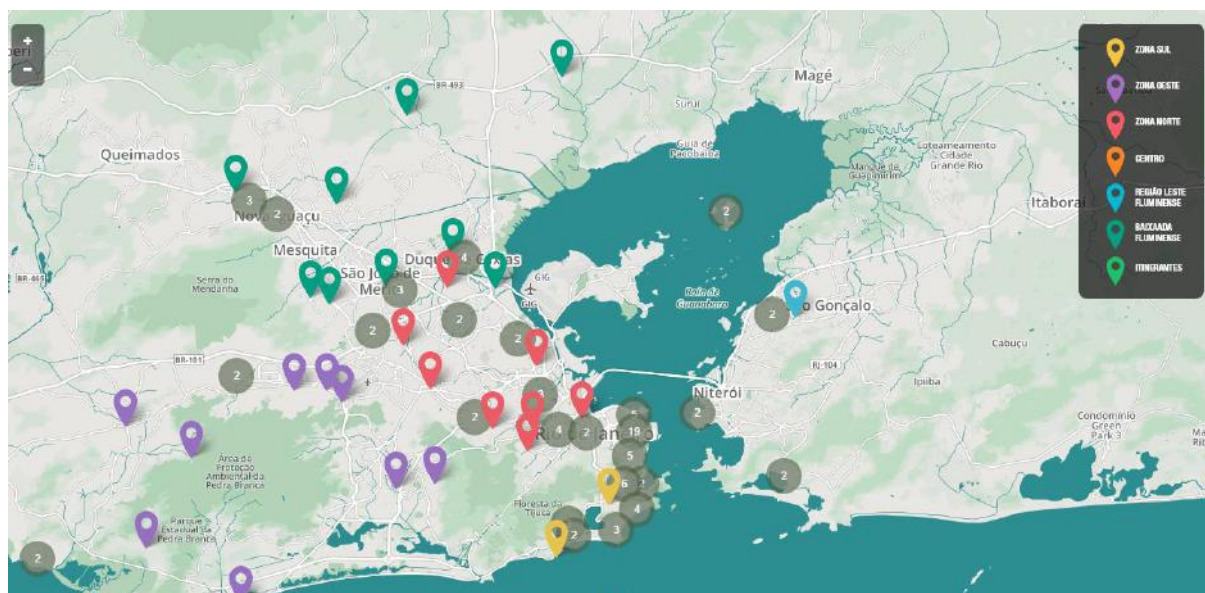
A cena de saraus no Rio de Janeiro começa a tomar corpo a partir de 2013. Contudo, é preciso contextualizar a atuação dessa juventude num quadro maior. Alex Teixeira e Luiz Fernando, assim como outros jovens artistas de favelas, Baixada Fluminense e Zona Oeste da capital fluminense, aproveitaram das políticas públicas do Governo Lula tanto na área social (com as políticas afirmativas e bolsas de estudos), quanto no âmbito cultural com as políticas públicas descentralizadas (Edital Ações Locais, Favela Criativa, Pontos de Cultura,

³ O movimento situacionista reuniu intelectuais e ativistas de esquerda de vários países europeus. Suas atividades culminaram em Maio de 1968, em Paris.

etc.). Não é por acaso que as trajetórias dos protagonistas se cruzam na Escola Livre de Cinema em Nova Iguaçu⁴, um equipamento cultural da prefeitura, que uniu pessoas de vários territórios da cidade. A FLUPP – Festa Literária das Periferias e a FLUPP Pensa, processo formativo que circula por diversas comunidades, são outras iniciativas que promovem uma imersão no mundo da literatura e poesia, além de oferecer um espaço para a troca profissional. De acordo com Julio Ludemir, um dos fundadores da FLUPP, esses agentes oriundos dos territórios populares, são herdeiros de políticas públicas e consequentemente expressão de um momento que proporciona a possibilidade de ser jovem no Brasil, ter sonhos, desejos e a capacidade de realização.

“Para que se efetivem os processos de reapropriação da subjetividade (...) eles devem criar seus próprios modos de referência, suas próprias cartografias, devem inventar suas práxis de modo a fazer brechas no sistema de subjetividade dominante.” (Guattari e Rolnik, 1996, p. 49-50).

Ao longo de dois anos os dois desenvolveram uma pesquisa com o objetivo de visibilizar a produção artística de saraus da região metropolitana do Rio de Janeiro. O resultado final é um mapeamento da cena, que foi lançado em 2015, identificando 133 saraus, dos quais 100 foram fundados após as manifestações de junho 2013.



4 A Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu foi fundada pelo secretário de cultura da época, Marcus Faustini, que desempenha um forte papel na promoção do potencial dos jovens de periferia.

Estamos perante um fenômeno que se materializa através do mapeamento de uma rede de agentes culturais e coletivos, em sua grande maioria de jovens, que reinventam e ressignificam tanto uma prática artística quanto o espaço urbano.

É preciso ouvir “como tudo começou” na perspectiva de Alex Teixeira para melhor entender de que forma e através de quais territórios o desejo de ser artista no mundo se concretiza.

“A gente se identificou muito na parada do tipo, cara, tô cansado de trabalhar para os outros com teatro, e sempre fazer um teatro que às vezes não me representa. Cair num projeto, que tipo, sei lá, vou pra esse projeto porque o projeto vai me fazer estar em circulação, mas as vezes não tinha afinidade nenhuma com a proposta. Tava porque, cara, mercado de teatro é difícil pra caramba e se você não estiver em circulação, daqui a pouco você desaparece, daqui a pouco você está trabalhando no MC Donalds. E aí sempre me mantive em estar nesse movimento de circulação, mas não necessariamente em projetos que me agradavam. E aí quando a gente se encontra vem muito nesse acaso, do tipo, tô com vontade de fazer alguma coisa...fazer coisas que esteja a fim. E aí a gente se junta, ele me fala que tem um texto escrito e tal, eu passo a frequentar a Zona Oeste, onde não frequentava, a gente passa a se encontrar lá. E a gente começa a convidar pessoas que não necessariamente eram do teatro no sentido de criar.”

Essa fala descreve bem o que está em jogo para esses jovens. A questão não é simplesmente trabalhar como artista, mas, poder expressar uma subjetividade própria e singular que se atualiza através dos encontros com outras pessoas e pela circulação em novos territórios.

Na verdade mover-se pela cidade não é nada novo para quem vive na periferia como exemplificado na fala de Alex. A necessidade de trabalhar e estudar faz com que essas pessoas cruzem a cidade diariamente em diversos rumos, não somente em direção ao Centro. Alex sai de Nilópolis para fazer um curso de cinema em Nova Iguaçu e a partir desse encontro começa a frequentar a Zona Oeste, especificamente Senador Camará e Vila Aliança, lugar de moradia e atuação artística de Luiz. Este, por sua vez, sai de Senador Camará para aproveitar uma bolsa integral numa escola particular de teatro em Ipanema, onde era o único aluno fora da Zona Sul. Ao mesmo tempo frequenta a Universidade das Quebradas que à época ficava no Flamengo.

Dessa multiplicidade de experiências criam-se plataformas de encontros e articulações que se desdobram além daquele lugar e tempo. Podemos imaginar uma rede de ação intensa composta por vários agentes como indivíduos, grupos e instituições – uma verdadeira “ecologia de coletivos”, como Marcus Faustini denominou esse movimento ⁵.

⁵ A coletânea de artigos chamada “O Novo Carioca” (2012), escrita por Marcus Faustini, Jailson de Souza e Silva e Jorge Luiz Barbosa, trata justamente desses “novos” agentes criando subjetividades singulares e formas de atuação diferenciadas, desafiando um modelo hegemônico de representação, cultura e cidade. Apesar de não

Essa força dos coletivos se potencializa na construção de atividades culturais, entre eles o Sarau do Escritório, que tradicionalmente acontece na Lapa e esporadicamente em outros lugares a convite de instituições como a Oi Futuro do Flamengo.

Construindo subjetividades coletivamente

Desde que o modo de produção capitalístico se instalou como ordem dominante no mundo, caracterizando não só as relações de trabalho, mas, também individualizando a subjetividade, ou seja, criando um modo de produção capitalístico de subjetividade, outras formas de existência, sensibilidade e percepção se encontram ameaçadas. A tendência no mundo capitalístico é a criação de subjetividades cada vez mais individualizadas, sem vida, sem experiência.

“Tudo que é do domínio da ruptura, da surpresa e da angústia, mas também do desejo, da vontade de amar e de criar deve se encaixar de algum jeito nos registros de referências dominantes. Há sempre um arranjo que tenta prever tudo que possa ser da natureza de uma dissidência do pensamento e do desejo. Há uma tentativa de eliminação daquilo que eu chamo de processos de singularização. Tudo que surpreende, ainda que levemente, deve ser classificável em alguma zona de enquadramento, de referenciação”. (Guattari e Rolnik, 1996, p. 43)

Segundo os autores a subjetividade oscila sempre entre dois polos tendo por um lado a submissão, o conformismo, a aceitação e por outro lado a resistência, a apropriação e criação de algo próprio. O que interessa nesse artigo é a possibilidade de resistência também chamada de “revolução molecular”. O termo se refere mais especificamente a qualquer movimento que desafia o modo capitalístico de ser e ver no mundo, assim como, possibilita novos processos de subjetividade, singulares e diferenciados.

A construção da subjetividade é um processo coletivo na opinião dos autores, incluindo uma multiplicidade de agenciamentos. Esse processo se manifesta no trabalho de Luiz e Alex da seguinte maneira:

“É bom pensar no Sarau, como ele transita por todas as artes, tem essa facilidade de diálogo para construção. A gente é do teatro e tem muito mais dificuldade de fazer o festival, que a gente fez aqui no Passeio em Cena, que é uma festival de teatro, do que fazer um movimento combinando linguagens. Porque no movimento combinando linguagens você dialoga com várias pessoas, diversas vertentes da arte. Quando a gente fecha isso,

tratar especificamente da cena de saraus, encontram-se várias análises sobre a juventude carioca e suas inquietudes que dialogam diretamente com Luiz Fernando, Alex Teixeira e outros agentes da cena dos saraus.

dificulta. Eu acho que esse modelo de combinar linguagens é um modelo que funciona muito nesse sentido da abertura e disponibilidade para criação, para a produção, para se fazer ...” (Luiz Fernando Pinto)

Observamos que a vontade de oferecer um espaço aberto a vários tipos de manifestação artística é inerente à formação de um sarau. Não se cria sarau sem passar por uma reflexão em torno das limitações dos outros formatos, linguagens e ideologias (teatro, funk, hip hop).⁶ Segundo Luiz o teatro não suporta as múltiplas vontades de expressão e articulação. Em vez de se conformar dentro das categorias dadas, como sabemos que existem na linguagem do Estado através dos editais, reinventou-se um novo espaço de prática estética e política, onde não há fronteiras e separações entre as atividades. Além disso, o sarau oferece uma possibilidade de criar uma continuidade, de construir uma relação com o lugar e as pessoas, de poder se manifestar politicamente e espontaneamente, sem roteiro fixo.

Guattari e Rolnik nunca estudaram o movimento dos saraus, mas dialogam diretamente com essas reflexões:

“... pessoas cuja vontade de expressão se dá de diferentes maneiras, não separam seus modos de semitização em esferas de criação: esfera da música, da dança, da representação plástica, do teatro, das atividades religiosas, das atividades econômicas, de um campo etnológico, e assim por diante. Tudo isso constitui, indissociavelmente, sua produção de subjetividade”. (Guattari e Rolnik, 1996, p. 71)

Nas palavras de Guattari e Rolnik essa dinâmica caracteriza o *agenciamento de processos de expressão*, opondo-se a tendência capitalística de individualizar processos coletivos e múltiplos. O argumento dos autores é: Criamos nossas subjetividades coletivamente a partir da apropriação de certos elementos com os quais nos identificamos (ser gay, ser negro, ser músico, ser arquiteto, etc.), sem precisar se enquadrar em um desses movimentos ou isolar uma esfera de referência. Muito pelo contrário, a força transformadora da cena de sarau (também de outros grupos) é justamente essa possibilidade de criar um espaço de simultaneidade. Mas, não no sentido de diversidade cultural, composta por grupos separados afirmando o particular, e sim no sentido de produção de subjetividade, onde as múltiplas questões se articulam de maneira singular.

⁶ Há uma série de saraus que surgem do movimento Funk e Hip Hop como resultado de uma insatisfação com os limites da cena. Incomodado com o protagonismo dos homens e a falta de narrativas femininas no funk daquela época, Mano Teko cria o Sarau Divergente em 2012, que tradicionalmente acontece em frente à Ocupação Manuel Congo na Cinelândia, associando-se a luta pela moradia digna. Em fevereiro de 2017 o sarau aconteceu pela primeira vez num terreiro de candomblé em Campo Grande, abrindo novamente as perspectivas conceituais, sensibilidades e modos de se expressar. O lema do sarau é “Quem é de somar, cola!”

“Até porque a gente vive um momento, há muitos anos na verdade, sobretudo depois do advento da internet, cara, a gente tem um milhão de informações ali, e você nunca está conectado numa janela só. Existe um mundo de abas e, cara, as pessoas querem abas... Óbvio que tem dias que eu quero ver aquilo ali só, eu tô a fim de ver aquilo ali só. Mas na maioria das vezes com essa dinâmica que a gente tá acostumado, a gente quer abas. E acho que essa possibilidade de multilinguagens é abrir abas e abrir um leque de possibilidades tanto de público quanto artístico. E abrir abas na rua é muito mais interessante! A rua é a possibilidade de atingir todo mundo”. (Alex Teixeira)

O movimento de saraus no Rio de Janeiro vem nos mostrando que é possível construir suas próprias referências, tanto práticas quanto teóricas, num processo “learning by doing”. Nesse sentido, o sarau pode se entender como um laboratório, onde se experimentam novos formatos, metodologias, estéticas e conteúdos. O Sarau do Escritório particularmente desenvolveu uma metodologia própria ao longo do tempo. Um aspecto fundamental é o ‘produtor convidado’ para pensar e organizar a próxima edição. Não se trata meramente de um apoio técnico para a realização do evento, mas de agregar novos artistas, novo conteúdo, outras perspectivas a partir da rede de articulação do produtor convidado. Além disso, pensa-se num tema que dialogue diretamente com a experiência e atuação desse produtor. Um dos convidados foi Bruno Duarte, militante do movimento negro, com o tema “Foi num cabaré da Lapa”, que relembra os cabarés gays da Lapa dos anos 1980. Outra edição foi exclusivamente com mulheres chamadas “As Bravas”, organizada por Viviane Salles, realizadora do Sarau da Esquina na Cidade de Deus. Os convidados e temas são variados e nem sempre tratam de questões sociais ou políticas tão explícitas como nas edições citadas: “Cabra da Peste” ou “Hoje é dia de Feira”, dedicaram-se a exploração artística do cotidiano da cidade, contado pelos próprios agentes, sendo esses vendedores ambulantes, feirantes ou usuários do trem.

Criar situações na Lapa

Os situacionistas acreditam na transformação revolucionária da vida cotidiana, através da construção de situações, que lembra a noção de “momentos” de Henri Lefebvre⁷. Ambos entendem o cotidiano como o lugar onde a alienação, burocratização e banalização da vida começam, assim como, o despertar para a participação, criação e transformação.

Enquanto Lefebvre defende a ideia marxista de revolução a partir da articulação política das classes operárias, os situacionistas pretendem intervir na atualidade. A principal luta dos situacionistas era contra a espetacularização da vida e da cidade, onde não há paixão nem

⁷ Conceito amplamente discutido na obra “A vida cotidiana no mundo moderno” (1991). O original foi publicado em 1968.

participação. Eles entendem que é preciso produzir outras formas de intervenção e de luta contra a monotonia da vida cotidiana.

O Sarau do Escritório pode ser entendido como uma prática situacionista por diversos motivos. Um deles é o uso do microfone aberto que ocupa o lugar central de cada sarau e é a ferramenta de participação, *par excellence*. Todo mundo pode se apresentar sem temer censura. Existem duas possibilidades de participação, uma por inscrição no site do facebook e outra colocando o nome em uma lista que circula pelo público. Há um movimento de pessoas contínuo entre o público e palco rompendo com a velha separação do teatro clássico entre atores no palco e espectadores na plateia. Constrói-se uma *situação* na rua, um espaço de experimentação da vida e da cidade. Como diz Debord:

“A construção de situações começa após o desmoronamento moderno da noção de espetáculo. É fácil ver a que ponto está ligado à alienação do velho mundo o princípio característico do espetáculo: a não-participação. Ao contrário, percebe-se como as melhores pesquisas revolucionárias na cultura tentaram romper a identificação psicológica do espectador com o herói, a fim de estimular esse espectador a agir, instigando suas capacidades para mudar a própria vida. A situação é feita de modo a ser vivida por seus construtores. O papel do “público”, senão passivo pelo menos de mero figurante, deve ir diminuindo, enquanto aumenta o número dos que já não serão chamados atores mas, num sentido novo do termo, vivenciadores. (Debord, S.57 em Berenstein, 2003)

O Sarau do Escritório cria então, numa leitura situacionista, atores protagonistas, vivenciadores, oferecendo um espaço para as pessoas se manifestarem artisticamente e a expressarem seus desejos e narrativas. Além disso, toda edição tem um personagem homenageado, que ganha destaque em cartazes temáticos espalhados pela cidade e são convidados a aparecerem no dia do Sarau.

“A história dos homenageados, dessas pessoas, conta a história do Rio de Janeiro, que não está nos livros, não está na internet, não está em lugar nenhum. Porque esses caras são figuras que todo mundo conhece, as pessoas veem esses indivíduos nas ruas, mas ninguém sabe quem são. E aí as vezes as pessoas olham: “ahhh mais um doidão”. Quando você para e ouve as histórias, são histórias riquíssimas.” (Alex Teixeira)

O que move Luiz e Alex a fazer um sarau é o encontro. Eles andam pelas ruas da cidade com um olhar sensível e criam uma relação afetiva com o espaço e pessoas muito além do evento. A sua aproximação com a cidade é movida pela curiosidade e expectativa de encontrar algo inesperado. Ou seja, dá-se atenção a histórias não contadas, para um modo de viver não experimentado. Vivian, que já foi uma das homenageadas no Sarau, é moradora do Passeio Público no Centro do Rio. Formada em Filosofia na USP gosta de recitar Nietzsche em suas andanças. Quem circula pelas redondezas do Passeio Público

sabe quem é. Outra personagem homenageada foi Sergio Contreira, o “Mexicano de Cancun”, que morava na Mansão dos Horrores (prédio do Bar da Cachaça) e passava as noites cantando e bebendo nas ruas da Lapa. Segundo Alex:

“Ele tinha um vozeirão muito, muito incrível, mesmo... Um monte de gente nunca tinha visto ele cantar no microfone. É outra história. É um artista nato, que as pessoas não conhecem. Ele faleceu logo em seguida e foi enterrado como indigente.”

Outro personagem muito conhecido na Lapa é Carlos Evaney, cover do cantor Roberto Carlos. Quando ele foi o homenageado no sarau um grupo de senhoras veio de Irajá, com transporte organizado, somente para estar mais próximo de seu ídolo. Entendemos tanto os homenageados quanto os produtores convidados e realizadores como “errantes modernos” ou “nômades urbanos”, que trazem outras percepções sobre a cidade.

“... podemos traçar, de forma quase simultânea à própria história do urbanismo, um breve histórico das errâncias urbanas. Esse histórico seria construído por seus atores, errantes modernos ou nômades urbanos. Os errantes modernos não perambulam mais pelos campos, como os nômades, mas pela própria cidade grande, a metrópole moderna, e recusam o controle total dos planos modernos. Eles denunciam direta ou indiretamente os métodos de intervenção dos urbanistas, e defendem que as ações na cidade não podem se tornar um monopólio de especialistas.” (Paola Berenstein, 2005, p.20).

Segundo a autora o simples ato de andar pela cidade pode ser entendido como crítica ao modelo urbanístico atual, que cria cidades espetáculo e cidades mercado. Quem anda nas ruas, quem trabalha no espaço público (vendedores ambulantes, feirantes, artistas, etc.) se opõe a um modo de sociabilidade dentro do shopping center, do playground do prédio, dentro das “enclaves fortificadas”⁸. As cidades do espetáculo criam-se a partir de duas dinâmicas, que parecem antagônicas, mas tem o mesmo efeito. Uma das vertentes é a proposta preservacionista que “revitaliza” bairros inteiros transformando-os em lugares artificiais. Encontramos esse tipo de *museificação* ou *disneylandização* na Zona Portuária do Rio, principalmente em torno da Praça Mauá e no Boulevard Olímpico. A outra corrente parte da tábula rasa, ignorando completamente uma sociabilidade existente, assim como desenha projetos gigantes geralmente nas margens da cidade com o objetivo de especulação imobiliária. Sem dúvida essas práticas urbanísticas estão simultaneamente presentes no Rio de Janeiro e caracterizam um modo dominante de se produzir cidade (Paula Berenstein, 2005, p.17-19).

A Lapa também passa por um processo de higienização e “gourmetização” nos últimos anos, usando as palavras de Luiz Fernando. O Sarau do Escritório sentiu ‘na pele’ as transformações urbanas quando a Prefeitura mandou tirar os bancos de concreto da Praça

⁸ Caldeira, Teresa Pires do Rio (1996)

João Pessoa através de iniciativa de um abaixo-assinado dos moradores e comerciantes do bairro.

“Um dia a gente tava em casa e aí manda alguém uma mensagem na nossa página do facebook dizendo, “Olha a prefeitura esta aqui agora derrubando os bancos da praça e vocês não vão fazer nada? Vocês tem que fazer alguma coisa ...” Aí a gente começa a monitorar para entender o que está acontecendo e aí a gente teve acesso ao abaixo-assinado que o comércio e alguns moradores ali da Lapa fizeram. O discurso do abaixo-assinado era super fascista, dizia que o bancos acumulavam mendigos na porta da casa das pessoas...no dia seguinte a gente consegue uma nota na coluna Gente Boa no O Globo falando que a gente ia fazer um ato de “Caideraço”, que a gente tava convocando as pessoas a virem com cadeira de praia, banco, qualquer coisa para sentar na praça e mostrar que a praça realmente é pública. O mais legal dessa nota foi que eles deram uma segunda nota falando da mesma coisa ali, que eles ouviram o subprefeito do centro, quer dizer tentaram ouvir e o cara se negou a falar. (Alex Teixeira)

A retirada dos bancos de concreto foi acompanhada pelo início de uma nova unidade de polícia chamada Lapa Presente - Operação do Governo do Estado do Rio de Janeiro para supostamente garantir a segurança no Centro Antigo. Observamos que essas transformações são fruto de uma política urbana empresarial baseada no modelo cidade empresa ou cidade mercado, onde o espaço urbano é tratado como agente econômico, obedecendo a uma lógica neoliberal de produção de cidade (Harvey 1996, Vainer 2000). Assim como o urbanismo modernista se inspirou no modelo ideal da fábrica com sua racionalidade, funcionalidade e produtos estandardizados, no paradigma aqui discutido o ideal é a empresa privada e especificamente o tipo de gerenciamento, o management e marketing.

Consequentemente, a praça é vista como *locus* de negócio: Só vale o que dá lucro. Moradores de rua, vendedores ambulantes e manifestações artísticas que disputam o lugar não cabem nas imagens que constituem o *City Marketing*.

Quando os bancos de concreto são demolidos, os restaurantes ocupam a praça com suas mesas e cadeiras, ou seja, o espaço público. Quando a Lapa Presente surge começa uma praxis de repressão contra qualquer manifestação na rua que possa interferir no fluxo do comércio, dos restaurantes e dos turistas. Não surpreende que outras unidades desse tipo de policiamento como, por exemplo, Centro Presente, Lagoa Presente, Aterro Presente e Meier Presente são iniciativas de parceria público privada entre o Estado do Rio de Janeiro e Fecomércio (Federação do Comércio do Estado).

Os criadores do Sarau do Escritório tem plena consciência dessas dinâmicas:

“É um movimento de resistência, porque a gente tá num espaço público, porque a gente tá numa encruzilhada muito visada no Rio de Janeiro... tem

uma série de atravessamentos. A gente tá em disputa desde o bar que coloca suas cadeiras numa praça pública e não deixa a galera sentar, a gente tá em disputa com a Guarda Municipal que quer terminar o evento, a manifestação cultural, com a Prefeitura que manda derrubar os bancos que tinham na praça”. (Luiz Fernando Pinto)

A resposta do Sarau do Escritório ao modelo cidade mercado é o “Cadeiraço” – uma convocatória as pessoas do bairro e da cidade para trazer seus bancos e cadeiras de praia para ocupar a Praça João Pessoa. Podemos entender esse simples ato como prática de resistência a uma política que visa eliminar qualquer manifestação artística da rua que não gere lucro e que está disputando o espaço com outros agentes. Na ótica de Paola Berenstein eles são errantes e nômades urbanos, que criam outra relação com a cidade e que contam outra história, escapando das estratégias de marketing, de espetáculos e planos.

Considerações Finais

Jovens artistas e produtores culturais circulam pela cidade, inventando novas formas de pensar e fazer cultura. A cena dos saraus é um dos movimentos mais expressivos na Região Metropolitana do Rio de Janeiro e nos revela um mundo vibrante, repleto de histórias, paixões e resistências.

O Sarau do Escritório, em particular, demonstra que é possível criar suas próprias referências, metodologias e cartografias através de um olhar sensível e crítico sobre o mundo. O cotidiano é referência e inspiração. Quem participa da construção e apresentação do sarau são pessoas que coagem em várias frentes, produzindo subjetividades que unem práticas e questões numa “ecologia de coletivos”. O que move esses agentes é o encontro no espaço público, a possibilidade de conectar-se e articular-se em prol de intensificar processos. Segundo Guattari e Rolnik podemos chamar esse fenômeno de “revolução molecular” justamente porque se criam subjetividades singulares numa dinâmica coletiva, opondo-se ao modo capitalístico individualizado.

Além disso, entendemos o Sarau do Escritório como uma prática situacionista, que atualiza seus desejos no mundo real, que enfeita a cidade e traz poesia para as ruas. Paola Berenstein chamaria Alex Teixeira e Luiz Fernando de errantes modernos ou nômades urbanos, que observam a cidade e seus fluxos para contar histórias não contadas, para dar visibilidade a outras narrativas. As suas manifestações artísticas na Lapa são uma afirmação do espaço público, das relações humanas, confrontando, portanto um modelo hegemônico de cidade, onde o mercado e o espetáculo são as lógicas dominantes, onde o espontâneo, o inesperado, a surpresa não tem lugar.

Confirmamos um potencial político da cena em geral e especificamente do Sarau do Escritório, contudo, seria interessante aprofundar esses conflitos existentes na relação entre a cena de saraus, o mercado cultural, as políticas públicas de fomento a cultura e a cidade. O Sarau do Escritório vive um processo de profissionalização, assim como outras iniciativas de jovens cariocas. Ao mesmo tempo em que eles exercem a crítica a certa forma de se fazer cultura e produzir cidade também colaboram com as políticas públicas existentes concorrendo e ganhando editais culturais. Como podemos entender esses processos? Quais são os conflitos quando começamos a nos profissionalizar e inevitavelmente seguir a lógica que criticamos a princípio? São essas perguntas entre outras que não devem ser negligenciadas e que certamente compõem essa nova dinâmica da formalização.

Bibliografia

Berenstein Jacques, Paola. **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade / Internacional Situacionista**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

Berenstein Jacques, Paola. Errâncias urbanas: a arte de andar pela cidade. In **Arqtexto**, n.7, p.16 – 25, 2005.

Caldeira, Teresa Pires do Rio. Enclaves fortificados. A nova segregação urbana. In **Novos Estudos**. CEBRAP, n.47, p.155 – 176, 1997.

Debord, Guy-Ernest. **Relatório sobre a construção de situação e sobre as condições de organização e de ação da tendência situacionista internacional**. (1957) In: Jacques Berenstein, Paola. **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade / Internacional Situacionista**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

Facina, Adriana. **Acari Cultural. Mapeamento da produção cultural em uma favela da Zona Norte do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2014.

Guattari, Felix / Rolnik, Suely. **Micropolítica. Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

Harvey, David. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. **Revista Espaço e Debates**, ano XVI, n.39, p.48-64, 1996.

Herschman, Micael. **O funk e o hip hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

Lefebvre, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1991.

Lopes, Adriana Carvalho. **“Funke-se quem quiser” – No batidão negro da cidade carioca**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2011.

Silva, Jailson de Souza. Barbosa, Jorge Luiz. Faustini, Marcus Vinícius. **O Novo Carioca**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2012.

Vainer, Carlos B. **Pátria, empresa e mercadoria: Notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano**. In: Arantes, O.; Vainer, C.B.; Maricato, E. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

Bibliografia Digital:

Coluna de Marcus Faustini no O Globo sobre a cena de saraus no Rio de Janeiro. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/mais-de-cem-saraus-no-rio-15797917>. Acesso em 26.02.2017.

Mapeamento da cena de saraus na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://mufaproducoes.com/mapeamento-de-saraus-rj/>. Acesso em 10.12.2016